

Minha apreensão de *Transformações*: reflexões para além de um texto psicanalítico

Julio Frochtengarten,¹ São Paulo

Resumo: O autor sugere o livro *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*, de Wilfred R. Bion, como texto seminal para os psicanalistas clínicos e aqueles que refletem sobre o lugar que as teorias ocupam no universo da psicanálise. No artigo procura justificar sua escolha através de um depoimento de sua trajetória pessoal entrelaçado com uma exposição panorâmica desta teoria da observação.

Palavras-chave: teoria das Transformações, Transformações em movimento rígido, projetivas, em alucinação, em K, em O; influência da teoria das Transformações na trajetória psicanalítica pessoal.

Minha resposta estava pronta: ao receber o convite da Editoria deste *Jornal*, para indicar um texto que considero seminal na formação de um psicanalista hoje, e oferecer minha contribuição a partir dele, de imediato pensei no livro *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*, de W. R. Bion (1965/1983).

Não o vejo como seminal no sentido mais imediato da palavra, de lançar as bases ou origens da teoria psicanalítica; considero-o seminal no sentido de que a teoria das Transformações traz uma nova visão do evoluir das teorias psicanalíticas estudadas pelos analistas em formação, como também se constitui numa abertura para uma nova visão e conceituação da clínica. Assim, a teoria das Transformações não é propriamente mais uma teoria psicanalítica, em continuidade às de Freud e Klein, para citar apenas esses dois; ela é uma ruptura nessa sequência, na medida em que se propõe como

1 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

teoria da observação em psicanálise. Sua compreensão permite encontrar o locus de outras teorias no todo da psicanálise; ao mesmo tempo, ela abriga fenômenos clínicos não contemplados por teorias consagradas, abrindo a possibilidade de compreendê-los sem criar uma profusão de novas teorias e sem descartar teorias classicamente estabelecidas. Como exemplos desses fenômenos clínicos até então não reconhecidos, menciono a alucinação, a presença de dimensões mentais não acessíveis pelo conhecimento, a noção da mente comportando múltiplas dimensões. Como escreveu Bion, no capítulo 1 desse livro, “nós não podemos falar de invariantes sob psicanálise, como se psicanálise fosse uma condição estática”. Ambas as possibilidades – de pensar a psicanálise contemplando, e não se confundindo, com as teorias; de pensar a psicanálise como espaço potencial que pode albergar fenômenos ainda não contemplados – vieram a preencher lacunas e, também, me levaram a pensar neste texto como seminal na formação de um psicanalista para nosso tempo e o futuro.

Nesse sentido, essa contribuição de Bion, repete, numa nova volta da espiral, o que, desde Freud, caracterizou a psicanálise: modelos de mente abertos que, em sua provisoriedade, são abalados pelo que é proporcionado pela experiência clínica, e complementados ou substituídos por novos modelos que incluem as novas observações. Penso que o subtítulo do livro – “mudança do aprendizado ao crescimento” – sugere essa possibilidade da expansão da compreensão para direções não pressentidas apenas com as teorias vigentes: não estamos apenas diante de um crescendo de teorias mais amplas, mas também às voltas com teorias que revolucionam o establishment.

Essa sintética – e um tanto abstrata – descrição, talvez possa ser aproximada de sua realização, através de um (quase) depoimento de como a teoria das Transformações veio a ocupar para mim esse lugar seminal, enriquecendo minha forma de estar na clínica; e balizando minha forma de ver a psicanálise e estar no mundo. Uma teoria transformada em sentimento e vida.²

2 A partir daqui o artigo é a adaptação de uma apresentação no evento “Por que Transformações?”, promovido pela SBPRP, em 2012, e de outra no Congresso Brasileiro da Febrapsi, em 2015. Foi publicado, em sua versão original, na revista *Bergasse*, 19, 3(1), 2012.

No início dos anos 1970 tive meu primeiro contato sistematizado com a teoria psicanalítica. Cursava na ocasião a faculdade de Medicina e tinha minhas primeiras experiências como paciente em psicoterapias de inspiração psicanalítica; já tinha me definido pela Psiquiatria e comprei um livro chamado *Teoria psicanalítica das neuroses*, de Otto Fenichel (1945/1981), um compêndio de mais de 800 páginas, sobre o qual me debruçei dia após dia, por noites e noites, madrugadas adentro. O texto apresentava um quadro geral das neuroses, sistematizado, um estudo detalhado de cada uma delas – histeria, neurose de angústia, neurose obsessivo-compulsiva, neurose depressiva, melancolia, psicoses etc. –, separadas em capítulos. De cada um desses transtornos (como eram chamados esses quadros), sua etiologia relacionada com a história familiar, os sinais e sintomas, exemplos e, por fim, os passos detalhados que o tratamento psicanalítico deveria seguir, ou seja, a abordagem adequada para se chegar a bom termo, a cura.

Um bom resumo do livro, ao qual me dedicava com afincos, me dava condições de conversar com colegas da época, interessados também naquele mundo misterioso e envolvente no qual estava, a passos muito lentos, começando a me adentrar. Curiosidade e envolvimento foram me levando depois a outras leituras, mas esse livro ficou, para mim, como um marco da minha iniciação no mundo da psicanálise.

Esse livro, um clássico que constava da bibliografia de muitos trabalhos que cheguei a ler, hoje se encontra perdido nos fundos de uma estante qualquer. Por décadas não me lembrei dele; a recordação só me veio ao resgatar o momento em que a noção de *Transformações* – o oposto da visão que aquele livro na ocasião me proporcionou – passou a fazer parte da minha maneira de pensar a psicanálise e, sem exagerar, de “ver o mundo”.

Cerca de dez anos depois daquele primeiro contato com a psicanálise comecei minha formação no Instituto da SBPSP. Tive, então, a sorte de encontrar pessoas – especialmente os meus analistas e supervisores – que me ouviam falar sobre pacientes, sobre mim, sobre fatos da minha vida e que estavam sempre a me lembrar, explícita ou

implicitamente, que aquilo sobre o qual eu falava era minha visão, meu recorte, meu viés, minha opinião sobre aqueles fatos. Com frequência, me apresentavam alguma outra visão que, em geral, também passava a fazer sentido. Fui assim construindo, gradualmente, a noção de que há diversas formas de perceber uma mesma situação, seja da minha vida ou dos primeiros pacientes que começava a atender. De algum modo, disso eu já sabia; o que ainda não sabia, por conta da força que tinham para mim as teorias, é que os fenômenos mentais poderiam ser vistos, psicanaliticamente, de um modo que dependia tanto de meus estados de mente como de balizamentos teóricos. Em outras palavras, que uma mesma experiência poderia, mesmo em psicanálise, ser vista por vértices bastante diversos; e, com isso, o objeto psicanalítico, inicialmente para mim um objeto único, variava uma vez que o vértice variava.

Procuro me explicar melhor: o fascínio pelo que havia estudado naquele compêndio não me permitiu perceber, inicialmente, que aquela era uma teoria; aprendi um modo de ver a vida emocional que se adensou de tal forma para mim, que não me permitiu, inicialmente, distinguir aquele modo de compreender – norteado por uma dada teoria –, do mistério da mente humana. Em outras palavras: teoria psicanalítica e mente humana se tornaram, naquele então para mim, ambas um mesmo objeto.

Prosseguia minha formação no Instituto de Psicanálise; passaram-se anos até deparar com o livro *Transformações*. Bion se serve nele de modelos tirados de várias áreas do conhecimento, especialmente matemática, religião e filosofia; vi-me então com grandes dificuldades para entender esses modelos que a ele, ao contrário, pareciam servir como andaimes na construção e apresentação da teoria de observação que estava propondo. Os primeiros contatos com a obra despertaram intensa mobilização emocional: sentimentos de incompetência e fracasso entremeados com desafio e curiosidade; depois de alguns sofridos anos, alguma compreensão de partes da teoria e ainda bastante desconforto pelos clarões de ignorância. Só muito mais tarde, após muitas releituras com grupos variados, atravessando enormes esforços emocionais e intelectuais, as ideias foram ganhando forma,

passando a organizar elementos da experiência pessoal e observações na clínica. O que essas ideias me proporcionam hoje é de natureza tal, que, ao fim, *Transformações* acabou sendo muito mais que uma teoria de observação: me vejo balizado em minha vida, dentro e fora do consultório, por um rico modo de ver a mente humana. É importante diferenciar uma teoria da observação de uma teoria psicanalítica: essa última corresponde às formulações do corpo teórico da psicanálise, às suas concepções; já uma teoria da observação se relaciona às realizações dessas teorias na prática, como exposto no livro *Transformações*, do qual a famosa Grade, construída por Bion, pode ser considerada uma figuração.

Atualmente, no convívio com os colegas, percebo que os conhecimentos proporcionados pelas diversas teorias analíticas norteiam o que cada um privilegia no contato emocional com o analisando. São justamente esses conhecimentos, submetidos e conjugados com elementos de observação clínica, que constituem o escopo da teoria das Transformações.

Freud havia formulado a teoria da Transferência e a teoria do Complexo de Édipo, com as quais já estamos razoavelmente familiarizados. No escopo de Transformações, ambas passam a fazer parte do grupo que Bion denominou Transformações em Movimento Rígido. Essas se caracterizam pela transposição rígida de configurações e emoções supostamente vividas no passado com os pais para a atualidade do presente com o analista. Isto é, a experiência emocional no contato com o analista é vivida e expressa de modo tal, que é possível, na sessão, atribuir sua origem ao passado, na relação com outras figuras de sua vida. Essa transposição no tempo (infância-atualidade) e das figuras (pais-analista) conserva grande fidelidade – ou grande invariância – entre o que foi vivido e a representação agora construída. Não se trata apenas de uma mudança na denominação dada por Freud, pois a ênfase aqui é posta no presente e na inacessibilidade do complexo de Édipo em si mesmo.

Depois, por intermédio de Klein, somos apresentados aos conceitos de cisão e identificação projetiva, bem como à teoria das posições esquizoparanoide (EP) e depressiva (D). Essas teorias, e os

conceitos nelas formulados, adquirem novas qualidades na perspectiva da teoria das Transformações: a identificação projetiva ganha o caráter de comunicação; as posições EP e D ganham uma dupla flecha entre elas ($EP \leftrightarrow D$), indicando uma oscilação permanente entre ambas em nosso funcionamento mental. Sob o vértice de transformações, pode-se observar que acontecimentos muito afastados da sessão, tanto em distância como em tempo, são tratados como ocorrendo ali, no presente, e atribuídos à pessoa do analista. Todo esse conjunto passou a pertencer ao grupo das Transformações Projetivas, as quais se relacionam aos conceitos de Klein. Nesse grupo das transformações, a experiência emocional vivida ganha forma através da atribuição de características próprias a outras pessoas; o resultado não inviabiliza o analista poder acompanhar a emoção presente, conjecturando o que está sendo projetado. O termo tem analogia com a geometria projetiva, que estuda as relações e propriedades das figuras na geometria euclidiana: por exemplo, um círculo projetado em outro plano se apresenta como uma elipse; a figura sofre uma transformação, mas algumas propriedades mantêm-se invariantes.

Essas duas modalidades de Transformações, no avançar do livro, vão se desdobrando nas chamadas Transformações em Alucinação. O termo se refere às situações em que o analista vivencia enormes dificuldades em relacionar as expressões do analisando com a experiência emocional presente; em vez disso, o analisando parece viver dentro de um mundo mental gerado por si mesmo. Suas formulações não surgem do “aprender com as experiências emocionais”, mas têm existência a priori; ganham tal vigor, que acabam por criar um mundo mental calcificado dentro do qual o indivíduo passa a viver. Essa modalidade de Transformação não mais equivale às identificações projetivas realísticas (que servem para comunicação), mas sim às identificações projetivas excessivas (que atendem à descarga de estímulos insuportáveis).

E, ao analista, qual qualidade de transformação cabe a ele? Idealmente lhe cabem formulações que procuram expressar, representativamente, a experiência emocional do momento – Transformações em Conhecimento, em K (knowledge). Essas, de algum modo,

equivalem ao terreno por onde os analistas, ainda que com outras referências teóricas, estão habituados a caminhar. Além dessas, ao analista cabe também favorecer realizações do que Bion denominou Transformações em O: formulações que favorecem o analisando poder *vir a ser* o que ele mesmo é, não pelo mérito do conhecimento, mas por *tornar-se* ele mesmo.

Se com as transformações em Movimento Rígido e Projetiva é possível ao analista conhecer, ou mesmo conjecturar, um fragmento da realidade psíquica, com a introdução da noção de Transformações em Alucinação, a mudança de abordagem na prática clínica é mais acentuada: alcançamos áreas da vida mental em que as dificuldades para o conhecimento se tornam incomparavelmente mais difíceis. O analista, diante delas, tende a se indagar “do que o analisando está falando?” Não se trata apenas de grau de dificuldade, mas sim de que o analista está diante de formulações que, ativamente, obstruem o “aprender com a experiência emocional”, provocando desconhecimento e equívocos (*misconceptions*), a fim de evitar sentimentos insuportáveis, de satisfação ou frustração. Essas formulações constituem o universo das Transformações em -K; não apenas o desconhecimento, mas também ações de ataque à possibilidade do conhecimento.

Inevitavelmente, Transformações em O vão amalgamar o pensar e o alucinar, de forma que estes se tornam indistinguíveis. A partir da postulação de estados incognoscíveis, inalcançáveis pelo conhecimento, o campo analítico sofre uma revolução e se reorganiza em novas bases: mostra-se como espaço infinito em que estão presentes cesuras entre passado e presente, verdadeiro e falso, sensorial e não sensorial, pensamento e alucinação. A importância dessa noção é tal, que no livro seguinte, *Atenção e interpretação*, publicado após cinco anos, Bion desenvolve as questões apontadas por Transformações em O. A passagem de K para O leva a uma mudança do modelo filosófico-epistemológico para o modelo estético e deste para o místico.

Em obras anteriores a *Transformações*, Bion tinha se ocupado do pensamento advindo do aprender com a experiência. Nesse livro ele nos conduziu a áreas do não aprender, do não pensamento, do não conhecimento e da possibilidade do alucinar – dimensão do

funcionamento mental em que simbolização e representação não são possíveis.

Estaremos diante de limites da vida mental? Áreas de fronteiras entre o que é e o que não é mental? Como essas áreas abrangem estados mentais que se mostram simultâneos e associados – e não alternados –, e como Transformações em Alucinação podem, na prática, se apresentar mescladas com as Transformações em O (*tornar-se*), o funcionamento mental pode ser compreendido como se dando numa multiplicidade de dimensões. Essas, como múltiplas camadas, não constituem uma unidade, uma identidade permanente; são diversas dimensões, existentes em cada um de nós, que emergem com prevalências também diversas em cada situação. Para abordar a multidimensionalidade da mente que emerge nas e das cesuras, torna-se imperativo o abandono do pensamento lógico e suas premissas, como a causalidade, a dedução e a não-contradição.

À medida que fui incorporando, cada vez mais, a teoria das Transformações ao analista que sou, fui sendo desafiado – e, ao mesmo tempo, encorajado – a levar-me mais em conta nas experiências vividas nas sessões; a não cultivar tanto em mim os conhecimentos provin- dos das teorias psicanalíticas; a não tomar as teorias como revelações sobre os analisandos. Penso que hoje tenho as teorias fazendo parte de mim, como pré-concepções (linha D da Grade). Essas, quando na experiência nas sessões, se conjugam a elementos dispersos – como as emoções, imaginações, fantasias e sonhos –, e podem proporcionar a sensação de descoberta de coerência, experiência emocional que Bion denominou *fato selecionado*. Assim, minha ênfase foi se deslocando da vida instintual para as sensações e emoções diretamente apreendi- das na relação analítica.

O conceito de Transformações une Pensamento e Emoção de uma forma que eu não havia encontrado antes, nem mesmo em seu livro anterior, *O aprender com a experiência*: emoção não é somente o que vincula analista e analisando, mas está amalgama- da com pensamento de forma indissociável. Por fim, a teoria de Transformações acabou se constituindo numa visão ampla sobre a mente humana – apesar de ter aprendido que, em Bion, nunca se

alcança uma plena sensação de confiança de estarmos próximos de uma ideia geral válida.

Como todo psicanalista, percebo que, no transcurso de toda sessão analítica, uma experiência emocional se passa entre analisando e analista. A observação dessas experiências, e as formulações que delas decorrem, ali e naquele momento, são transformações realizadas por mim, se dão com base em minha própria mente. Sendo assim, nenhuma formulação corresponde à essência da experiência, ao todo do que se passa nela. Tendo aceitado a presença da incognoscibilidade da origem da realidade psíquica, passei a considerar que ambos, analisando e analista, fazemos aproximações, maiores ou menores, dos eventos daquele encontro; e que a própria busca dessa realidade, por meio da intuição, produz crescimento e, muitas vezes, significativas descobertas e mudanças. Assim a psicanálise vai expandindo o próprio universo que ela investiga.

Trabalhar nesse estado de mente implica abrir mão de interpretações decodificadoras e aceitar os limites do conhecimento – sobre nós e sobre o outro. A ferida narcísica, provocada por esses limites à nossa onipotência e onisciência, em muitos momentos nos leva a nos tomar dotados de neutralidade, intervindo como se nosso inconsciente e nossas emoções pudessem estar preservados e mantidos à parte do que observamos na relação com o outro. Observação em psicanálise não se refere à observação de fenômenos sensoriais; é um constructo teórico para abordagem das experiências emocionais por meio da intuição do analista.

Adotada a visão que *Transformações* proporciona, o analista deixa de ser, no trabalho clínico, apenas alguém orientado pelas teorias psicanalíticas consagradas para ser alguém que acompanha o que se passa, aberto para as transformações a seu alcance. Essa mudança demanda do analista suportar viver a incerteza do observado e a percepção da interferência da sua própria pessoa naquilo que observa – desde que tenha capacidade negativa, de “existir entre incertezas, mistérios e dúvidas, sem ter que alcançar fatos e a razão” (Keats) –, o que inclui, indubitavelmente, a presença da dimensão alucinatória em si mesmo.

O analisando, ao falar de si e dos acontecimentos de sua vida, também desperta nossas emoções. O analista que aceita a existência de uma realidade psíquica incognoscível em si mesma aceita que seu conhecimento estará, inevitavelmente, circunscrito às suas transformações, um modo de ver forjado em meio às suas emoções e teorias assimiladas; em outras palavras, um conhecimento finito de uma realidade infinita. Dentro dessa referência, quando um dos dois do par analítico, ou ambos, não se toma como autor de seus pensamentos, não pode distinguir suas ideias do próprio objeto ao qual estas se referem; prevalece, nesses momentos, a superioridade que não comporta outro olhar, não inclui o outro, evocando a arrogância edípica de buscar a verdade a qualquer preço.

Por que *Transformações* se tornou um marco para mim? Por que hoje o considero um texto seminal? Porque organizou o que, pela minha própria experiência, eu já vinha experimentando em meu percurso de vir a ser analista. Outro aspecto importante foi que essa teoria de observação, passando a estar incorporada em mim, me levou a ser mais respeitoso – talvez mais humilde – diante das minhas próprias emoções e da imensidão do mundo mental, mudando com isso minha forma de ser analista. *Transformações* não se constitui, assim, num sistema de hipóteses que fui confirmando em minha prática: é parte de mim e do analista que sou hoje.

Os fundamentos da pós-modernidade falam de um homem que não alcança uma integração, não possuindo assim uma identidade essencial e permanente. Bion está em consonância com as ideias de seu tempo ao chamar atenção para a descontinuidade existente entre os diversos estados de mente e a presença simultânea deles. Esses estados às vezes convivem em harmonia, ainda que um predomine e outros se expressem em fantasias, sonhos, imaginações; outras vezes, entram em conflito; mas não há um estado único que integre todos eles numa personalidade una, uma vez que são transitivos e provisórios. Assim, a mulher que amo não deve ser compreendida como substituta (por sublimação) da mãe; ela é, ao mesmo tempo, mãe–irmã–deusa–sexo.

As mudanças que as noções trazidas por *Transformações* se fazem notar até o final da obra de Bion: a presença da combinação

entre pensar e alucinar, as diversas dimensões da mente, o abandono de juízos polarizados e valorativos, a liberdade de quem acolhe igualmente o que lhe vem à mente. Mas tudo começa aqui – a partir das dificuldades que o livro costuma trazer aos psicanalistas, um padrão começa a se formar; e os ganhos serão imensos e permanentes.

Mi aprehensión de las *Transformaciones*: reflexiones más allá de un texto psicoanalítico

Resumen: El autor sugiere el libro *Transformaciones: cambio del aprendizaje al crecimiento* de Wilfred R. Bion como un texto fundamental para los psicoanalistas clínicos y para aquellos que reflexionan sobre el lugar que ocupan las teorías en el universo del psicoanálisis. En el artículo, el autor busca justificar su elección mediante un testimonio de su trayectoria personal, entrelazado con una exposición panorámica de esta teoría de la observación.

Palabras clave: teoría de las Transformaciones, Transformaciones (en movimiento rígido, proyectivas, en alucinosis, en K), en O, influencia de la teoría de las Transformaciones en la trayectoria psicoanalítica personal

My apprehension of *Transformations*: reflections beyond a psychoanalytic text

Abstract: The author suggests the book *Transformations: Change from Learning to Growth* by Wilfred R. Bion as a seminal text for clinical psychoanalysts and for those who reflect on the role that theories play within the field of psychoanalysis. In the article, the author seeks to justify this choice through a personal account of their own psychoanalytic journey, interwoven with a panoramic exposition of this theory of observation.

Keywords: Theory of Transformations, Transformations (in rigid motion, projective transformations, transformations in hallucinosis, in K, in O), influence of the Theory of Transformations on the personal psychoanalytic trajectory

Ma compréhension des *Transformations* : réflexions au-delà d'un texte psychanalytique

Résumé : L'auteur propose le livre *Transformations : du changement de l'apprentissage à la croissance* de Wilfred R. Bion comme un texte fondamental pour les psychanalystes cliniciens ainsi que pour ceux qui s'interrogent sur la place qu'occupent les théories dans l'univers de la psychanalyse. Dans cet

article, l'auteur cherche à justifier son choix à travers le témoignage de sa propre trajectoire personnelle, entremêlé d'une exposition panoramique de cette théorie de l'observation.

Mots-clés : théorie des Transformations, Transformations (en mouvement rigide, projectives, en hallucinose, en K, en O), influence de la théorie des Transformations dans la trajectoire psychanalytique personnelle

Referências

- Bion, W. R. (1983). *Transformações: mudança do aprendizado ao crescimento*. Imago. (Trabalho original publicado em 1965)
- Bion, W. R. (2003). *O aprender com a experiência*. Imago. (Trabalho original publicado em 1962)
- Fenichel, O. (1981). *Teoria psicanalítica das neuroses*. Atheneu. (Trabalho original publicado em 1945)
- Frochtengarten, J. (2012). Por que transformações? *Bergasse* 19, 3(1).

Julio Frochtengarten

juliofro@uol.com.br

DOI: 10.5935/0103-5835.v58n108.13